

## CONVERSANDO SOBRE RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE: ESCUTA TERAPÉUTICA E CUIDADO EM SAÚDE MENTAL

**EVELLYN GONÇALVES DA ROSA<sup>1</sup>; RENICE EISFELD MACHADO<sup>2</sup>; MARIA LEONOR MESQUITA TARQUES DA SILVA<sup>3</sup>; JOICE DA ROCHA RIBEIRO<sup>4</sup>; MIRIAM CRISTIANE ALVES<sup>5</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – evi.rosinha@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – renice.eisfeld@hotmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – leonortarques28@hotmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – joice.rocha.ribeiro@gmail.com*

<sup>5</sup>*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – oba.olorioba@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “Diz Aí!: conversando sobre raça, gênero e sexualidade” oferece atendimento psicológico em grupo e/ou individual para pessoas cujo sofrimento psíquico está transversalizado pela violência de raça, gênero e sexualidade. Tem na interseccionalidade um conceito chave para pensar e organizar a escuta e o cuidado em saúde mental.

Segundo CRENSHAW (2002, p.177), a interseccionalidade “é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação”. Nesse sentido, tem possibilitado a construção de uma escuta e de um cuidado em saúde mental politizado e engajado no enfrentamento ao racismo, sexism e homo/transfobia.

O termo raça tem no pensamento crítico descolonial uma centralidade em relação à formação das estruturas de poder da sociedade, afinal a raça constitui o eixo fundamental da hierarquia de poder colonial produzida a partir da classificação social da população do mundo em inferiores e superiores, irracionais e racionais, primitivos e civilizados, tradicionais e modernos (QUIJANO 2005). O binarismo inferior/superior, humano/não humano, pela perspectiva racial, relaciona-se à dicotomia colonizador/colonizado, de modo que a noção de raça e sua diferenciação serviram para naturalizar as inúmeras violências coloniais, constituindo-se em um elemento da colonialidade do poder e do ser (QUIJANO 2005; GROSFOGUEL, 2016).

No que tange ao gênero e sexualidade, conforme ARÁN (2009), ao longo da história observou-se nas sociedades ocidentais mudanças nessa área advindas, principalmente, de fenômenos como: A escolarização das mulheres, a entrada destas no mercado de trabalho, a separação da sexualidade da reprodução, a política de visibilidade para homossexuais e mais recentemente, a possibilidade de modificações corporais feitas por transgêneros, transexuais e intersexuais. Desse modo, ocorreu a passagem de um sistema de reprodução tradicional, ancorado na família e no casamento, para um sistema individualista baseado na gestão estatística das populações e na filiação, em que as relações entre as pessoas são juridicamente estabelecidas.

A colonialidade do poder (QUIJANO 2005) e a colonialidade do ser (MALDONADO-TORRES, 2007) produzem efeitos nas relações raciais, de gênero e sexualidade, no modo como as pessoas percebem e tratam umas às outras, na possibilidade ou não de expressão da diversidade sexual e humana, nos processos de subjetivação. Conforme ARÁN (2009), estamos diante de um terreno movediço, bastante complexo, sendo imprescindível escutar e acolher as diversas manifestações de subjetividades.

Face ao exposto, o estudo tem como objetivo apresentar as atividades desenvolvidas no projeto de extensão “Diz Aí!” e refletir sobre seus efeitos na escuta e cuidado em saúde mental dos participantes.

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, qualitativo, do tipo relato de experiência. Ele emergiu da necessidade de sistematizar e compartilhar uma abordagem teórico-metodológica de escuta e cuidado em saúde mental de pessoas cujo sofrimento psíquico está transversalizado pela violência racial, de gênero e sexualidade. Assim, compreendermos ser pertinente a descrição de uma experiência que integra conhecimentos teóricos e práticos no processo de construção e solidificação de uma aprendizagem acadêmica adquirida por meio de um projeto de extensão.

O “Diz Aí!” está articulado ao projeto de pesquisa intitulado “A Violência do Inexistir: a construção de uma Clínica Política De(s)colonial”, ambos vinculados ao Núcleo de Estudos e Pesquisas É'LÉÉKO, do curso da Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

A prática acadêmica experienciada por discentes do curso está sendo realizada em dois espaços da universidade: na Clínica-Escola da Psicologia e no Núcleo Psicopedagógico de Apoio ao Discente (NUPADI) da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), a partir de uma parceria firmada com o núcleo para atendimento de estudantes. A proposta do “Diz Aí!” teve seu início no primeiro semestre de 2017 e acolhe tanto estudantes quanto pessoas da comunidade local.

Para o desenvolvimento do projeto, estão sendo desenvolvidas algumas etapas: 1) estudo referente ao Pensamento Crítico Descolonial e sobre a Psicologia Latino Americana; 2) divulgação do projeto com sua proposta de atendimentos individuais e em grupo; 3) entrevistas iniciais com pessoas encaminhadas ou que procuram o projeto espontaneamente (três a quatro sessões de cinquenta minutos); 4) encaminhamento para psicoterapia grupal (sessões semanais de uma hora e trinta minutos) e/ou individual (sessões semanais de cinquenta minutos); 5) desenvolvimento das psicoterapias; 5) supervisão clínica acadêmica e local, ambas com encontros semanais.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo de um ano e meio de projeto foram realizadas entrevistas iniciais com 28 pessoas – 23 estudantes e 5 da comunidade local –, com idades entre 18 e 48 anos. Destas pessoas, 11 autodeclaradas negras, 15 brancas e 02 não conseguiram se autodeclarar.

Os participantes que não conseguiram autodeclarar a raça/cor durante as entrevistas iniciais são filhos de relacionamentos inter-raciais, de modo que eles vincularam a dificuldade de autodeclaração ao receio de estarem negando a origem do pai ou da mãe ao optarem por qualquer uma das categorias do IBGE. Dúvidas e constrangimentos sobre a autodeclaração que, segundo eles, repetiram-se em meio a debates sobre a temática racial com colegas, mas que, ao mesmo tempo, possibilitaram o questionamento sobre suas origens.

No que se refere aos estudantes autodeclarados de raça/cor negra (pretos e pardos), eles demonstraram dificuldades no processo de inserção junto à comunidade acadêmica e de socialização com colegas por sentirem e, inclusive ouvirem, que este território não lhes pertencia. No entanto, o racismo é vivenciado

dentro e fora da universidade, em diversos contextos sociais, inclusive em psicoterapia. Mais de um estudante relatou a deslegitimação de suas vivências de racismo por parte do profissional de psicologia. Situação que colocou esses estudantes em sofrimento ainda maior, mediante o questionamento constante sobre sua humanidade, sua existência, sua invisibilidade e silenciamento em meio à vivência cotidiana da lógica colonial. Para FANON (2005, p.288), o colonialismo constitui-se como a “negação sistematizada do outro, uma decisão obstinada de recusar ao outro todo atributo de humanidade” e, deste modo, “obriga o povo dominado a perguntar-se constantemente: “Quem sou eu, na verdade?”.

Em relação à identidade de gênero 12 participantes do projeto de extensão se identificaram como homens e 16 como mulheres, sendo 01 mulher transexual, ou seja, que não se identifica com o gênero imposto após o nascimento. Quanto à orientação sexual 10 pessoas se autodeclararam heterossexuais – sentem atrações físicas, românticas e/ou emocionais apenas por pessoas do gênero oposto ao qual se identificam; 10 homossexuais – sentem atração por pessoas do mesmo gênero; 5 bissexuais – sentem atração sexual por pessoas que se encaixam em dois ou mais gêneros, mas não engloba todos os gêneros; 01 panssexual – sente atração sexual por outras pessoas, sem distinção de gênero ou orientação sexual; 01 demissexual – só sente atração sexual quando há um vínculo emocional/psicológico/intelectual com outra pessoa; e 01 assexual – orientação sexual baseada na falta de atração sexual ou que sentem muita pouca atração (BINATO, 2015, p. 2).

Conforme JESUS (2012) identidade de gênero e orientação sexual não depende uma da outra, pois não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas. Isso pode ser exemplificado em relação aos bissexuais que se sentem atraídos por pessoas de qualquer gênero, o que não está relacionado com sua identidade de gênero, ou seja, não há questionamento quanto a sua identidade como homens ou mulheres e ao gênero que lhes foi atribuído no nascimento, ao contrário das pessoas transexuais.

Segundo SILVA (2015, p.22) “o conflito que se expressa no preconceito e na discriminação por orientação sexual pode ser traduzido nos termos homofobia, lesbofobia, transfobia e bifobia dependendo do sujeito ou grupo para o qual se dirigem os pensamentos-atos que excluem”. Ainda segundo a autora, a heteronormatividade determina que alguns comportamentos sejam mais aceitos que outros no campo da sexualidade, estigmatizando as expressões, orientações e identidades de gênero que diferem do padrão que é tido como norma na sociedade. As narrativas das pessoas participantes do “Diz Aí!” expressam conflitos e discriminações vivenciadas, inicialmente, no grupo familiar que, comumente, questiona a orientação sexual ou identidade de gênero do filho ou filha na busca pela hetero e cismatatividade, que segundo CARAVACA-MORERA (2015) trata como norma social e cultural a aceitação da identidade de gênero de acordo com o sexo biológico outorgado ao nascer.

A intersecção entre violências, onde pessoas negras e homossexuais, por exemplo, descrevem dificuldade em nomear se uma experiência de discriminação está vinculada a um ou dois eixo de subordinação, foi muito evidenciada pelos participantes do projeto. O que reforça a importância de se ter uma escuta sensível a interseccionalidade de raça, gênero e sexualidade para a qualificação do cuidado em saúde mental. Afinal, a maioria das pessoas atendidas pelo projeto se sentem acolhidas somente pela possibilidade serem escutadas sobre questões que as invisibilizam no cotidiano de suas relações interpessoais e sociais.,

#### 4. CONCLUSÕES

O projeto “Diz Aí!” proporciona não somente um espaço de escuta terapêutica, mas, sobretudo, de reconhecimento do sofrimento produzido pelas violências de raça, gênero e sexualidade.

A interseccionalidade se apresenta como um dispositivo fundamental para ampliarmos a escuta e o cuidado em saúde mental, no tocante ao enfrentamento ao racismo, sexism, homofobia, lesbofobia, transfobia e bifobia. Ela nos provoca a romper com a clínica clássica por meio da subversão à lógica colonial que insiste em hierarquizar o ser e o não ser, o humano e o não humano.

Apesar do projeto “Diz Aí!” se constituir como um espaço potente de escuta, ainda é um incipiente espaço de visibilidade, acolhimento e reconhecimento das pessoas e de seus sofrimentos produzidos por essas violências no campo da Psicologia. Faz-se necessário que essas problematizações possam constituir o conjunto das Psicologias na perspectiva de desnaturalizar violências e produzir novos modos pensar e se relacionar com a diversidade humana.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARÁN, M. A (2009). A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2009, vol.17, n.3, pp.653-673. ISSN 0104-026X
- BINATO, P. M. A Assexualidade na Mídia Televisiva. 2015. 51 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- CARAVACA-MORERA J. A., Padilha M. I. [The transexual reality from the historical and cisgender normative perspective] Hist enferm **Rev eletronica** [Internet]. 2015;6(2):310-318. Portuguese.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, Jan. 2002.
- FANON, F. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- GROSFOGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemocídios do longo século XVI. **Soc. estado**, Brasília, 2016.
- JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012.
- MALDONADO-TORRES, N. **Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto**. In: CASTRO-GÓMEZ, S. et al (Orgs. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 127-168.
- QUIJANO, A. **Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: **Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Edgardo Lander (org). ColecciónSurSur, CLACSO, Ciudad autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005.
- SILVA, C. G. da. **Orientação sexual, identidades sexuais e identidade de gênero**. IN: \_\_\_\_\_. Especialização em Gênero e Diversidade na escola. Módulo 3 – Sexualidade e Orientação Sexual. UNIFESP, São Paulo, p. 18-29, 2015.